

O superávit comercial já é de US\$ 4,3 bi

Com o resultado de agosto (US\$ 681 milhões), agora só faltam US\$ 2 bilhões para o governo atingir a meta prevista. E a Cacex diz que não vai ser difícil.

O Brasil conseguiu em agosto um saldo comercial de US\$ 681 milhões, o que eleva para US\$ 4,3 bilhões o superávit acumulado, anunciou ontem o diretor da Cacex (Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil, Carlos Viacava. Contudo, ele admitiu que nos próximos meses o saldo cairá um pouco por causa das compras de petróleo que estão sendo realizadas para restabelecer as reservas. De qualquer forma, ele ressaltou que agora o País só necessita de um saldo de US\$ 500 milhões por mês para atingir a meta de US\$ 6,3 bilhões ao final do ano.

O diretor da Cacex afirmou ainda que todos os setores da indústria nacional estão enfrentando problemas para importar, pois os fornecedores estrangeiros estão inquietos com a difícil situação financeira do Brasil. Por isso, o governo acredita que as importações só serão normalizadas em outubro ou novembro, quando espera concluir as negociações com o Fundo Monetário Internacional e os credores externos.

Carlos Viacava viajou ontem à noite para Washington, para discutir com o governo norte-americano quais os produtos que o Brasil poderá importar dentro do crédito de US\$ 1,5 bilhão concedido pelo Eximbank. Os Estados Unidos pretendem exportar equipamentos, mas o Brasil quer comprar apenas fertilizantes, "o que nos dará uma folga no caixa", segundo Viacava. Também em Washington, ele acertará com o Banco Mundial um empréstimo de US\$ 350 milhões para as importações pelo sistema draw-back.

Safra, a esperança.

Ao anunciar a balança comercial de agosto, o diretor da Cacex destacou que naquele mês o Brasil obteve o terceiro maior volume de exportação na história do comércio exterior do País, no montante de US\$ 2,08 bilhões. O crescimento foi de US\$ 206 milhões em relação a julho, registrando uma expansão de 10,96%. As exportações de produtos básicos cresceram 7,5%, as dos semimanufaturados, 13,09%, e as dos manufaturados, apenas 4,6%. Baseado nisso, o diretor da Cacex frisou que o êxito da balança comercial no próximo ano dependerá basicamente da safra agrícola, mostrando que hoje são os produtos do setor o que se vende com mais facilidade e que é comprado por quem realmente tem liquidez internacional.

As importações brasileiras em agosto atingiram US\$ 1,4 bilhão, dos quais US\$ 745 milhões foram gastos com a compra de petróleo. No mês de julho, o Brasil comprou em torno de US\$ 600 milhões de petróleo, e com essa contenção das importações registrou um superávit de US\$ 707 milhões, depois de ter conseguido US\$ 829 milhões em junho, também por meio do mesmo mecanismo. Agora Viacava admite que o país terá menor saldo justamente porque precisará comprar mais petróleo.

Viacava destacou que as exportações brasileiras, este ano, cresceram apenas para os Estados Unidos, Japão e Canadá. As exportações para a Europa caíram, a exemplo das vendas para a América Latina. O fato é que os países inadimplentes não estão comprando, preferindo, ainda assim, com reservas, acertar convênios de crédito recíproco, pelo qual não se gastam dólares.

O diretor da Cacex enfatizou, ainda, que a conclusão das negociações do Brasil com o sistema bancário internacional dará maior tranquilidade aos importadores, e poderá permitir ao governo brasileiro interromper o monopólio de câmbio adotado pelo Banco Central, há um mês. Viacava reconhece que o monopólio cambial ampliou as preocupações do mercado externo quanto à situação brasileira, mas ressaltou que "isso é transitório".

Ele confirmou que o governo dará prioridade também às importações para a Zona Franca, ao setor de informática e de fertilizantes e remédios.

O diretor da Cacex disse ainda que os vendedores externos estão exigindo dos importadores brasileiros cartas de crédito, que os bancos não estão concedendo. De modo que, na sua opinião, os vendedores "ou se convencem a vender sem carta de crédito ou não venderão".